

### Resenha

**Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**  
(SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. São Paulo: Paulus, 2010.)

Gustavo David Araújo FREIRE<sup>1</sup>

“Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter” é um livro que aborda a noção de rede a partir das principais teorias que discorrem sobre tal, com vistas à reflexão das redes sociais da internet (RSIs), tendo o Twitter como estudo de caso. A obra deixa explícito que não se trata exclusivamente de um livro sobre o Twitter e muito menos sobre o seu destino, mas sim, que compreendê-lo se faz necessário para repensar a noção de redes devido às peculiaridades da plataforma, além de que algumas lições vêm a alumiar sobre os novos potenciais das redes sociais em geral.

De um lado, o ímpeto da juventude e prática de uma ética da curiosidade de Renata Lemos, cuja formação é transdisciplinar, integrando arte, ciência e tecnologia e de outro, Lucia Santaella, professora titular na pós-graduação em Comunicação e Semiótica na PUCSP com uma grande experiência acadêmica quantificável pelos 37 livros publicados, outras 11 edições organizadas, quase 300 artigos publicados no Brasil e no exterior, em suma, um nome que já se consolidou como uma marca. Essas são as autoras da obra que sinergicamente compartilham seus conhecimentos trazendo à academia um livro para se pensar as questões teóricas, críticas e práticas que as redes digitais estão proporcionando.

A obra é composta por sete capítulos que podem ser enquadrados em duas partes: a primeira que vai do primeiro ao terceiro capítulo e que tem como ponto central da discussão as redes, suas teorias e as redes sociais da internet, tudo isso a partir das contribuições que a propriedade dos sistemas traz para a temática em questão. Já a segunda parte, que vai do capítulo quatro ao sete, aborda o Twitter e as suas especificidades no sentido de compreender e mapear o seu perfil na busca de abstrair o que ele apresenta de novo para a prática permitindo pensar o fenômeno das redes sociais.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas – Gmid/UFPB.

O primeiro capítulo intitulado “Redes e Sistemas” deixa claro, logo na introdução, que o conceito de redes não se limita às redes sociais, e que estas são um campo específico, assim como as redes sociais na internet (RSIs) também são parte desse sistema maior.

A noção de subjetividade trabalhada por DeLanda (2006) como a menor unidade analítica que a ciência social pode estudar é abordada pelas autoras como forma de principiar uma discussão sobre a conceituação de redes. Com este propósito, a teoria sistemática da sociedade da informação e a compreensão sobre “cultura da virtualidade real” de Manuel Castells (1996) são trazidas à tona para dar conta do que vem a ser redes e fluxos tendo por base à reflexão sobre a organização da sociedade capitalista de economia em rede. Junto a isso, a obra faz um gancho colocando em pauta os sistemas complexos adaptativos com base nas contribuições de autores como Bertalanffy (1968) e Wiener (1948) focando os parâmetros da auto-organização e emergência para se compreender o funcionamento das RSIs, especialmente do Twitter.

O segundo capítulo do livro “a teoria-ator-rede” (TAR), nos mostra que tal teoria aparentemente recente devido à atenção que vem tendo nos últimos anos com o surgimento das redes de relacionamento da Web 2.0, na verdade vem sendo trabalhada desde a década de 1980, cujo principal precursor é Bruno Latour. A obra faz uma alusão ao conceito da teoria e uma breve descrição da sua formulação por Latour, em que este teve que se fundamentar na semiótica de Greimas (1979) para ressoar o real sentido que queria dar ao termo ator, ligando-o à compreensão do que vem a ser caracterizado como actante. Tal termo vai para além do domínio humano, alcançando quaisquer entidades não humanas e não individuais formando redes heterogêneas comparadas a uma versão empírica do conceito de rizoma, em que este não é forma, mas condição de existência das formas.

O capítulo intitulado “teoria-ator-rede, mídias e comunicação” coloca em questão o porquê que a TAR tem sido tão pouco absorvida e devidamente transposta para os estudos de mídia e de comunicação. Ensaídas algumas hipóteses, as autoras evidenciam o posicionamento de Latour (2005) frente às críticas tecidas sobre a TAR por vários teóricos, principalmente da sociologia. Para as autoras, a TAR parece estar plenamente preparada para dar conta das múltiplas entidades ou actantes nas RSIs. Acerca das plataformas de redes sociais, o capítulo evidencia o seu caráter *top down* (de cima para baixo) e a flexibilização que sofrem a partir do uso num processo que se dá *bottom-up* (de baixo para cima).

Iniciando o que pode ser considerado como a segunda parte do livro, o quarto capítulo, “A evolução das RSIs: da interação monomodal à multimodal”, aborda a evolução das redes sociais a partir das modalidades diferenciais de interação. Partindo da navegação unidirecional do início da década de 1990, a segunda metade dessa década é marcada pelas plataformas de interatividade em tempo real para redes socialmente configuradas como o ICQ e o MSN, o que vem a caracterizar o que se define de RSIs 1.0 (rede monomodal). Já as redes sociais 2.0 (Monomodais múltiplas) são marcadas pelas possibilidades de compartilhamento de arquivos, interesses etc., a exemplo do Orkut, MySpace, LinkedIn. E, finalmente as redes sociais 3.0 (Multimodais) caracterizadas pela integração com outras redes e pelo uso generalizado de jogos sociais e aplicativos para mobilidade focadas na temporalidade como é o caso do Facebook e Twitter. Essa última modalidade ancorada na experiência midiática de um presente contínuo, isto é, na era da mídia *always on*.

Tendo o Twitter como uma mídia social que apresenta características únicas, a exemplo dos processos *inflow* (fluxos internos) e *outflow* (fluxos externos) no *design* colaborativo de ideias, em relação a outras redes sociais 3.0, o quinto capítulo, “*Inflow vs. Outflow*: Twitter e microdesign de ideias”, descreve o funcionamento da plataforma com o intuito de evidenciar o surgimento de novos tipos de colaboração intelectual caracterizando uma nova etapa de evolução nos processos de inteligência coletiva. O que é o Twitter, para que ele serve e o que requer dos usuários são algumas das indagações apresentadas e respondidas a partir da captação sensível do olhar das autoras acerca do uso da plataforma por quem compõe a rede.

O sexto capítulo, “Visualizando laços sociais no Twitter: o *continuum* na era dos fluxos”, aponta que na era dos fluxos, onde o foco é a interação humana e seus laços sociais, culturais e afetivos, se faz necessário a criação de instrumentos apropriados para a visualização de laços sociais no Twitter, cujo objetivo é gerar novos subsídios para a avaliação do verdadeiro potencial da rede. Isso, porque os laços sociais na plataforma em questão são complexos na medida em que são dinâmicos e multidirecionais, ultrapassando as categorias primárias de “seguidores” e “seguidos”. Além do que, a formação de laços sociais segue a lógica de penetração individual em fluxos coletivos abertos de ideias compartilhadas em tempo real, que estão em movimento contínuo.

A partir de um mergulho etnográfico no Twitter, o último capítulo, “Qotd, por @umairh: micromídias móveis e inteligência coletiva global em tempo real”, analisa o uso

inovador da plataforma como espaço de movimentações sociais de inteligência coletiva pela dinâmica *qotd* de Umair Haque, autor da coluna “Edge Economy” do site da *Havard Business Review*, como um experimento global de articulação de *design* colaborativo de ideias em tempo real. A dinâmica *qotd* em questão é baseada na combinação das seguintes funcionalidades: *retweets* (RT), *hashtags* (#) e *search* (@usuário). Além disso, as autoras tratam da expansão das funcionalidades do Twitter por meio do acoplamento de inúmeros aplicativos (*apps*) e da microssintaxe baseada na limitação textual em 140 caracteres.

Numa leitura geral da obra, o conteúdo da primeira parte é denso por ensejar os conceitos e teorias bases acerca das redes e redes sociais. Além de fazer referências às teorias e colaborações de outros autores de maneira muito sintetizada, o que requer leituras prévias por parte do leitor para que haja uma compreensão profícua. Já a segunda parte por ser voltada à apresentação e discussão das funcionalidades do Twitter, requer muito mais conhecimento operacional da plataforma para se compreender o que é exposto que leituras prévias.

O livro em questão se torna importante para os pesquisadores da área de comunicação, sobretudo aos que pesquisam fenômenos desencadeados nas redes sociais, por trazer à tona a perspectiva da teoria-ator-rede como forma de corroborar a partir de um viés sociológico complexo na compreensão das dinâmicas ocorridas no ciberespaço sob a lógica da Web 2.0, seja de ordem dos usuários ou impulsionadas pelo *modus operandi* da plataforma. Em suma, uma obra que independente do futuro do Twitter, agrega ao conhecimento da área e fomenta a discussão pela forma que apresenta as ideias.